

## RUY CEZAR – Fundador da Casa Via Magia

**Especialista da área cultural. Mais de 20 anos de experiência em projetos de cultura e desenvolvimento. Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal da Bahia. Fundador da Rede Latinoamericana de Produtores Culturais. Fundador da Casa Via Magia. Diretor do *Mercado Cultural*.**

### 1. Quem é Ruy Cezar?

Ruy Cezar é um “mateiro” da região da mata do interior da Bahia, nascido em Ibirataia, região do cacau, cidade que não tinha luz elétrica. Quando eu e minha família nos mudamos para uma cidade maior em função dos estudos, aquilo me gerou bastante angústia, porque a sensação que eu tinha era de que, ao mudar e me distanciar, tudo aquilo iria acabar. Eu fui indo para o mundo e, quando eu voltei, tudo estava mudado. Mas essa angústia talvez seja a angústia fundante do Ruy Cezar que eu posso dizer que sou. A primeira vez que a gente se mudou, foi para uma cidade vizinha chamada Ipiaú, que era uma cidade maior, com colégios maiores, e logo em seguida eu fui para um colégio interno, a Escola Média de Agricultura da Região do Cacau (EMARC). Eu já tinha certa introdução, através dos grupos de igreja, às questões da política. Nesta época estávamos em plena ditadura, e nessa escola eu vivi embates bastante fortes. Ao mesmo tempo em que eu joguei basquete, era bom aluno e tirava notas boas, eu também fiz teatro e publiquei um jornal chamado *O grito*, que foi apreendido por conter um texto na capa que dizia “que bom que seria se não existisse governo e que as pessoas pudessem gerir suas próprias vidas”. Era um texto super anarquista. A escola era federal, ligada diretamente aos ministérios federais. Eles fizeram uma investigação e suspenderam todos os jornais e, além disso, suspenderam a apresentação do grupo de teatro que eu dirigia e escrevia. Eu consegui certa salvação por causa do esporte, pois era um atleta destacado. Quando eu vim para Salvador, três anos depois, foi muito surpreendente, porque eu cheguei aqui assim, pessoa matuta da roça, que não sabia andar direito de ônibus, e nem usar dinheiro, porque em Ubirataia a gente não usava dinheiro, andava a pé e não tinha o que comprar, não tinha shopping, lojas, e a EMARC era um colégio interno, com tudo oferecido pela escola. Quando eu entrei na universidade, foi pela Escola de Comunicação da UFBA, eu percebi que a escola era muito precária. Então eu inventei de fundar um jornal laboratório, que se chamava *Faca amolada*. Nesse jornal laboratório, a gente fez uma entrevista numa favela que tinha na Pituba e que estava protestando contra o governo. Quando a gente imprimiu o jornal e foi buscar na gráfica fomos presos na porta. A partir daí nós montamos um grupinho de teatro de protesto que se apresentava nas salas de aula. Alguns professores davam acesso, outros saíam da sala e a gente achava que iam chamar a polícia e saía correndo. Com isso a gente começou a fazer umas cenas para assembleias, e acabei sendo indicado para ser candidato a presidente do Diretório Central dos Estudantes (DCE). Nesse momento estávamos tentando reabrir a União Nacional dos Estudantes (UNE). Foram três grandes tentativas: A primeira foi em São Paulo, na PUC, e o coronel Erasmo Dias jogou uma bomba que queimou umas estudantes que ficaram com

o rosto exposto, foi um negócio muito pesado. Então a assembleia de abertura da reconstrução da UNE foi interrompida dessa forma. A segunda tentativa chamou-se ENE - Encontro Nacional dos Estudantes - e aconteceu em Minas Gerais, onde fomos todos presos e não se chegou a fazer nenhuma reunião. A terceira tentativa aconteceu em Salvador, no Centro de Convenções. O ministro Abi-Ackel proibiu em Brasília e cercou a cidade. Teve muito ônibus preso, mas vários conseguiram chegar. Jogaram bombas de alto risco, as luzes foram apagadas, mas a gente conseguiu reabrir a UNE. Em outubro a gente fez uma eleição direta e eu fui eleito o primeiro presidente, o que gerou uma demanda imensa sobre a minha pessoa. Percorri todos os estados brasileiros duas vezes, participei de muita assembleia na rua, e enfrentei muita baioneta e cachorro... Era uma loucura. A gente saiu reabrindo as entidades estaduais e os diretórios centrais, nos estados onde não tinham. Eu fiquei na UNE até 1981.

### **E você chegou a ser indicado a deputado, não é isso?**

Sim. Reuniram-se e fizeram uma pesquisa no Rio e em São Paulo, onde eu seria o mais votado a qualquer coisa, para senador, para deputado federal... Imediatamente eu fui capa de todas as revistas brasileiras: capa da *VEJA*, capa da *Isto É*, primeira página da *Folha de S. Paulo*... Então me lançaram como candidato, mas eu não queria entrar para um partido político formalizado. Na verdade, a minha vertente, desde pequeno, era contar história e fazer teatro. Meu pai tinha uma loja de tecido e eu pegava os retalhos para fazer teatro de boneco e apresentar para os irmãos e para os meninos da rua. Quando cheguei a Salvador eu fui fazer o teatro que ia para as salas, então eu tinha avisado a todo mundo que eu não queria ser candidato ao DCE. Depois foi um sacrifício aceitar a presidência da UNE, porque a minha mulher engravidou da minha primeira filha. Mas eu avisei que depois eu ia voltar para o teatro. Todo mundo sabia, mas ninguém aceitou a decisão, a esquerda ficou furiosa. Onde eu chegava as pessoas me levavam para um hotel e ficavam horas tentando me convencer sobre a luta política internacional. Trouxeram mensagem de Fidel Castro – porque eu estive com Fidel em Cuba – dizendo que eu não podia abandonar a luta política, e foi uma confusão horrível. Eu já tinha visto em Brasília quem eram os deputados e tinha me provocado arrepio pensar em conviver com aquela gente, com aquelas gravatas e com aquela prática de clientelismo e propriedade dos votos de curral. E eu não tinha a menor identificação com aquilo, então eu falei “eu não vou, eu não quero viver nesse ambiente.” Eu disse não, mas gerou uma polêmica muito grande, teve muitas publicações que me malharam e ao invés de me aplaudirem eu comecei a ganhar vaias. Mas aí eu fui fazer teatro e educação. Primeiro na Bahia, eu estreei um espetáculo e depois fui para São Paulo. Lá em São Paulo eu me aliei com o pessoal de Paulo Freire, teve uma escola que a gente dirigiu junto com a Fátima Freire, e lá eu fui professor e também fiz teatro... Fui me afastando desse ambiente da política institucional. Mas essa polêmica ficou na história: “Ruy Cezar deixou de ser deputado para fazer teatro”. Depois eu recuperei a amizade de todas essas pessoas. Conheço muitas pessoas que são lideranças hoje, de governo, de estado... Tudo era militante na época. Mas eu segui meu caminho. Prefiri nunca mais me relacionar com algum partido político e nem com cargo público. Eu já recebi dezenas de propostas

de cargos públicos, mas eu não quis, eu quis trabalhar pela via da independência, a via da arte e da educação.

## **2. O que você entende por cultura?**

Cultura é uma coisa que você constrói num processo de vida. Cada vez mais, num mundo interconectado, a cultura é um diálogo. Eu falo assim que cultura é desejar e temer: é ter medo, e querer se proteger, proteger a essência de onde você veio, o jeito que você é, que você carrega a vida inteira, e ao mesmo tempo desejo do contato com o mundo. Então é uma coisa que você constrói de dentro para fora, de fora para dentro, de ontem para hoje, mas de hoje para o futuro. Hoje em dia você tem essa coisa avassaladora da homogeneização, pela comunicação, pelos meios de transporte interligados, pela produção industrial feita simultaneamente em vários países. É uma luta para encontrar autenticidade. Então eu entendo a cultura como um modo de viver, mas há algo que é muito próprio desse modo de viver, há algo que lhe emociona. Quanto mais vinculado e pertencente a esse sistema hegemônico, menos emocionante.

## **3. Como você avalia o diálogo entre as produções culturais de Salvador com o interior?**

Canclini falaria de correntes principais e em culturas hegemônicas. Essas correntes elas são as mesmas em qualquer lugar, então nas grandes bienais de artes plásticas que eu tive a experiência de frequentar, 70% são as mesmas pessoas. Então você vê isso na moda, vê isso nas artes plásticas, você vê isso na grande indústria, na música, em grandes shows e nos festivais... Essa cultura mais voltada para o entretenimento, ela tem um canal, é como se as grandes metrópoles fossem uma nação, digamos assim. E esse diálogo que você está falando, não existe entre essas culturas hegemônicas e principais e as regiões ditas periféricas. Na cidade os bairros estão isolados e não dialogam entre si. Todo mundo tem que vir ao centro para ser reconhecido, todo mundo tem que vir para o Campo Grande e passar no grande teatro, porque não tem um teatro de bairro que as pessoas queiram ir ver, que está tendo um acontecimento maravilhoso, um movimento cultural espetacular. Pode até existir, mas ninguém sabe. A mesma escala é o interior/capital. A mesma escala é o Brasil: sudeste e as outras regiões. Agora por outro lado, surgem oportunidades. Mesmo a coisa sendo opressora, o sistema de comunicação avançando e a internet criam a oportunidade de você, com uma ideia inteligente, furar esse bloqueio. Então nós com o *Mercado Cultural*, por exemplo, a oportunidade que surge na falta é uma das coisas mais incríveis que a gente está desenvolvendo através do Mercado no momento.

## **4. Como você avalia as políticas culturais e o mercado para a cultura na Bahia nos últimos anos?**

As políticas públicas melhoraram muito. Eu acho que as últimas gestões trouxeram uma visão de cultura mais ampla e também uma visão de distribuição do estímulo à produção. O fato de estar todo mundo, de alguma forma, mobilizado nos encontros estaduais, e tendo acesso, através dos editais, às verbas de produção, isso tudo criou um movimento muito interessante. Eu acho que há uma mudança muito recente, porque o atendimento individual por demanda que existia antes, [www.producaoculturalba.net](http://www.producaoculturalba.net)

“você pede eu dou”, era muito pernicioso. Você tinha o fluxo da energia cultural sempre na mesma direção. Por outro lado, a Bahia é talvez um dos lugares onde a indústria, no caso da música, plantou suas raízes fortemente, e isso gera uma situação bastante complicada no campo da criação, porque a indústria se fortalece com a reprodução do que é factível de vender, então se criam muitos fenômenos *fake*. A gente vê todos os anos a música do carnaval, no ano que vem cadê aquele grupo? Desapareceu! A gente não sabe mais, porque os grupos, eles não são grupos de música, no sentido restrito da palavra, dos artistas que estão lá criando pelo gosto de criar, ou tocando porque querem experimentar o estilo, ou estudando música. Falta ensaio, falta pesquisa, falta elaboração, então eu acho que esse movimento, essa construção de espaços novos demora muito. Obviamente que essa política do Estado ela vai dar uma força, mas é muito demorada, dado o fato de que uma boa parte da energia é canalizada para esse sistema. Na Bahia hoje a gente está com muitos problemas. As iniciativas das políticas públicas, elas avançam, mas por outro lado é só o Estado. Em São Paulo você tem o Itaú Cultural, você tem a rede SESC, você tem o centro da cultura judaica, você tem o Centro Cultural Banco do Brasil, você tem o Teatro Alfa, você tem polos. No nosso caso, tudo é o estado. Raríssimos são os exemplos de empresas batalhando por essa difusão, por essa distribuição e por essa diversidade. Então a gente tem uma estrada longa para percorrer.

**5. O que você pensa sobre os editais e as leis de incentivo como mecanismo de financiamento da cultura? Eles ajudaram na democratização do acesso à cultura?**

Ajudaram bastante. Por um lado você vê as leis federais, a gente continua com 80% da captação no Rio e em São Paulo. Um dos grandes captadores é o Itaú Cultural, um banco que poderia atuar mais como um financiador. Eu estive no *Fórum Cultural Mundial*, com Juca, e a gente discutiu muito como isso poderia mudar. Havia a intenção, mas é muito difícil. Então eu acho assim, que a intenção, o gesto e a prática são essenciais. Agora, se isso não se sustenta, não vai dar em nenhum lugar. Então é uma construção de oito a dez anos para a resposta aparecer. Agora eu acho que os últimos anos trouxeram uma luz para a política cultural na Bahia, com essas mudanças que se estabeleceram nas políticas públicas.

**6. Qual o papel da iniciativa privada no financiamento à cultura?**

Ainda há uma compreensão no Norte e no Nordeste daquela participação na cultura, como se a cultura fosse um pedinte. Há um desconhecimento do valor da cultura, há uma agressividade do patrocinador sobre a cultura, como se fosse um grande favor. Então há um excesso de distribuição das marcas do patrocinador no palco. Fora do Brasil isso é considerado grosseiro, e não é só nos Estados Unidos, na Europa, vá ao Chile, vá ao Uruguai, à Argentina, vá à Bolívia ou mesmo à Colômbia. Você encontra o patrocinador no caderno, delicadamente, você tem uma plaquinha com as listas de patrocínios, mas você não tem essa prática de ficar anunciando no palco e aparecer em letreiros grandes ou exibindo no boné e na roupa. É uma coisa agressiva, eu acho que poucos países desenvolveram essa grosseria como o Brasil desenvolveu. E aí talvez ela tenha sido pouco

regulada nesse sentido, porque as empresas têm um poder muito grande, são pouco disciplinadas, e reconhecem só o valor que a cultura agrega para elas de respeito, de pertencimento, de valorização ética, de valorização estética da empresa, de participação social, de apoio aos movimentos da sociedade... A empresa ganha muito. Assim começaram a surgir festivais das empresas. Você tem a empresa, você não tem idealizador, que pensou historicamente uma missão, um foco, um olhar. Um festival mundialmente sempre foi um lugar da inovação, do risco, o festival, ele está ali para mostrar as músicas mais experimentais, os grupos mais incríveis que estão pesquisando. Lá na Europa você vê que os festivais estão arriscando, mas o da gente não é isso não. Então eu acho que tem um problema: a forma como as empresas se relacionam. E na Bahia tem um problema maior, além dessa visão da propriedade paternalista sobre os projetos de cultura: a ausência do patrocínio. É muito pouco o que se investe em cultura, a nível empresarial na Bahia. A Bahia tem potencial, mas não se investe quase nada na cultura. Mesmo com as leis de incentivo.

**7. O que e/ou quem (projetos/espacos/instituicoes) voce destacaria em termos de gestao cultural na Bahia e por que?**

Tem projetos muito legais. O Vila Velha é um projeto muito bom, tem uma visao, uma missao, um dialogo com a sociedade, uma manutencao frequente de relacao com o publico e com a criacao, varios grupos residentes... É um espaco de politica cultural. Eu acho que outro espaco que cresceu e que na ultima gestao apareceu como um espaco de politicas publicas foi o Teatro Castro Alves, essa ultima gestao deu um pique em projetos, como por exemplo, o *Domingo no TCA*, por tornar mais acessiveis os corpos estaveis ao publico. Entao tem muitos exemplos de projetos interessantes. A gente está fazendo uma coisa muito forte no interior. A gente está com um grupo de cidades montando um sistema de trabalhos com base em economia criativa e na cultura local, e está gerando um resultado muito legal. Tem uma cidade que se transformou completamente já, a cidade de Boa Nova... O que a gente encontrou e o que isso virou... Pessoas de fora do Brasil morando, entidades tradicionais, a valorizacao do meio ambiente, um parque nacional foi criado, o refugio da vida silvestre, museus, teatros, festival de risadas, São João tradicional, tudo numa unica cidade. Uma cidade apostando na diversidade, construindo um calendario cultural.

**8. Como voce percebe a questao da profissionalizacao na area cultural? Quais as principais necessidades do mercado baiano hoje?**

Eu tenho encontrado uma presenca, com a Facom e a criacao do curso de producao cultural, uma qualidade cada vez maior na mao de obra. Eu acho que a gente está muito bem servido e as pessoas são muito inteligentes, pessoas que falam mais de uma lingua, o que é fundamental para um trabalho a nivel internacional. Quando eu faço selecao para jovens, para trabalhar, eu fico orgulhoso de ver. Eu vi pessoas muito investidas no que fazem, com um posicionamento sobre cultura muito interessante. E para nós foi uma mao na roda, porque no inicio a gente não sabia o que fazer. Agora, a profissionalizacao não é só a mao de obra, eu acho que o mercado junto às

empresas não está profissionalizado. Eu acho também que não há uma visão transdisciplinar no próprio governo. Se você passa pela Secretaria de Cultura você vê que tem um trabalho ali, mas um trabalho de cultura precisa envolver outras secretarias: emprego e renda, indústria e comércio, educação... Acho que a convocação empresarial é frágil. Eu fui falar sobre economia criativa em Nova Iorque, e tivemos que botar um telão porque a sala lotou, tinham 400 pessoas e tinha mais umas 200 do lado de fora. Eu fui falar em São Paulo e o SESC colocou 200 pessoas e o SEBRAE colocou 300 pessoas, todas com CNPJ. Aqui acho que se a gente marcar uma fala sobre a economia da cultura não vão dez pessoas. E você encontra as pessoas ainda com pouco registro profissional. É uma pena porque nós temos uma qualificação tão grande a nível de pessoal, precisaríamos ter um mercado pujante que abarcasse esses profissionais.

### **9. Como você avalia os espaços culturais (ou para a cultura) na Bahia? Quais as principais carências?**

São pouquíssimos os espaços. Os mesmos espaços há mais de 20 anos, quando abre um, fecha outro, centrados numa única região. Havia uma lei que diz que os shoppings deveriam ter teatro, isso é um grande sucesso no Rio. Lá teatro está no shopping. A gente não tem. Um teatro que, nos últimos anos, entrou em funcionamento e tem respondido é o do ISBA. Em compensação, a gente teve teatros que deixaram de ser tão eficientes como o próprio Jorge Amado. É uma situação difícil. E você sabe que a recuperação da imagem de uma cidade, hoje no mundo inteiro, é feita através da cultura. Os museus da Bahia estão caindo aos pedaços. Você vai reconstruir uma cidade, a primeira coisa que você constrói é um museu de ponta. Quando você vai reconstruir uma cidade europeia, você faz um acordo com Guggenheim<sup>1</sup> e leva um museu sofisticado. Você vai a cidades pequenas, você vê ruas tematizadas. Aqui tudo vai caindo aos pedaços. Falta essa área que a iniciativa privada poderia apresentar muitas soluções. Qualquer cidade da América Latina, metrópole, ou da Europa ou dos Estados Unidos, quando você chega ao hotel, toda a programação cultural está no hotel. O que é que tem aqui no hotel? Você já viu? Prostituição. Não tem um espetáculo no escaninho do hotel. Em todos os lugares do mundo, você encontra divulgação. É um escândalo que a gente não tenha isso vinculado com as Secretarias de Turismo e Cultura, porque o turismo é basicamente um produto da cultura. Você não vai atrair um turista de qualidade de jeito nenhum sem divulgar nossa cultura. As capitais culturais da Europa, Paris e Madri, elas renovam os estoques culturais todo o ano. Você vai fazer o que em Paris? Você vai ver os museus parisienses. E você vai ver o que em Madri? Os espetáculos. Agora, a gente quer ganhar como? Um carnaval por ano e *Espicha verão*? O carnaval nem está trazendo esta diversidade de turista, pelo contrário, tem caído nos circuitos internacionais, até porque a gente não tem apresentado uma diversidade cultural do próprio carnaval.

---

<sup>1</sup> Site dos museus e da Fundação Guggenheim: <http://www.guggenheim.org/>  
[www.producaoculturalba.net](http://www.producaoculturalba.net)

## **10. O que você pensa sobre a gratuidade do acesso a produtos e bens culturais?**

A política de gratuidade é interessante se ela faz parte de um programa, onde tem também a política de pagamento fazendo parte. Agora, eu acho que são iniciativas muito isoladas, teria que haver um pensamento do que é gratuito e do que é pago. As pessoas pagam festivais grandes e pagam caro, mas não querem pagar teatro. O Ministério da Cultura, por exemplo, quando entrou como patrocinador nosso, exigiu gratuidade. A gente cobrava 10 por 5, a preços populares, hoje, é totalmente gratuito, a gente passou a ser gratuito, mas eu não me sinto fazendo parte de uma política pública do Estado, de uma discussão onde isso entra, ou que plateia está sendo formada. Então, a partir de que nível, você tem que começar a cobrar? O que é ingresso popular? O que é política de formação de plateia? Então isso está muito desarrumado. O SESC tem, em São Paulo, os espetáculos que são gratuitos, os espetáculos que são a preços populares e os espetáculos a preços normais, há uma política, são diretorias diferentes inclusive. Normalmente, os de dança são gratuitos e você vê que realmente tem um público de escola naquele que é mais gratuito, você tem uma política para que o SESC viva cheio. Espera-se que em algum momento aquela plateia comece a escolher pagar.

## **E em relação aos valores dos ingressos cobrados aqui em Salvador?**

Tem uma disparidade grande. O teatro em Salvador é muito barato comparado a outras praças. Hoje, os shows de música grande estão caros. Tem shows de música no Castro Alves que cobra R\$ 80,00 e lota. A gente não sabe como é que se captura esse público que paga R\$ 80,00 e R\$ 100,00. Você não sabe quem pagou aquele ingresso mais caro para você fazer uma campanha de difusão do teatro nesse público. O público de teatro é um público muito interessante, eu vou ver um espetáculo, vou ver outro, tem um público muito parecido. O público de teatro, inclusive, é um público de estudante, como se fosse um gueto.

## **E a política de meia-entrada?**

Eu acho que a política de meia-entrada foi válida durante muitos anos, depois começou a ser apropriada por entidades estudantis e ela começou a ter outras conotações políticas. Então, hoje, como tudo no Brasil se corrompe, muita gente tem direito à meia-entrada e nem estudante é. A gente vê em outros países que têm e funciona, por que não funciona no Brasil? Outros espetáculos têm que colocar os preços bem altos, porque a meia-entrada consome. Inclusive os gestores desse programa de meia-entrada, tratam isso como instrumento político de propriedade partidária. É uma das coisas que me afastou da política, essa partidarização dos serviços, muito desagradável isso.

## **11. Como você avalia a organização da classe artística baiana? Qual a sua importância?**

A Bahia já foi um lugar onde os movimentos culturais tocavam o centro da emoção do coração do Brasil, em função dessa organização. Os artistas, em primeiro lugar, aconteciam aqui. Os movimentos culturais que tocaram o Brasil, da Bossa Nova ao Cinema Novo, aos Tropicalistas, movimentos de ponta, nasceram a partir dos artistas. Então no final da década de 1960 e início da década de 1970, se você queria assistir a um show de Caetano no Vila Velha, na plateia estava [www.producaoculturalba.net](http://www.producaoculturalba.net)

Gal, Baby Consuelo, Gil, todo mundo ia assistir a todo mundo. Havia uma organização e havia uma convocação para um movimento mais estimulante, que tinha a ver com uma coisa intelectual e não somente com uma coisa de classe, uma coisa reivindicatória. Mas hoje as ideias são extremamente atrasadas: da representação do todo através do sindicato, da luta dos direitos coletivos através de um representante, porque o que se propõe em rede é a horizontalidade e as pessoas dialogando livremente e montando seus projetos sem nenhum intermediário. Não tem uma convocação na Bahia para um movimento cultural feita de uma forma séria. Há muita competição em torno dos recursos do Estado, muita apropriação de espaços por donos ligados a grupos e falta uma convocação mais ampla para uma unidade em torno do movimento. Eu vejo a Bahia com uma dificuldade de criar um movimento cultural significativo no momento, a gente tem visto, por exemplo, o movimento da renovação em Pernambuco na área da música, a gente tem visto também em Minas Gerais, a nova música mineira com um catálogo de 80 artistas que estão trabalhando conjuntamente. Você tem isso na Bahia? Falta alguma coisa muito séria nesse sentido da convocação, da reciprocidade, da retroalimentação. Não adianta também você entrar na rede de olho no seu benefício pessoal, você tem que pensar no coletivo, em como difundir uma informação para o coletivo. Antigamente, todo mundo queria o super-produtor, todo mundo queria aquele contato. Hoje, isso acabou. Todo e qualquer contato está na internet. É uma questão bastante complexa que a gente está vivendo na Bahia, eu torço por uma modificação e acho que o Estado tem papel importante.

**12. Qual a importância da crítica na área da cultura? Como você avalia a crítica na Bahia hoje?**

Não temos uma crítica cultural. Ela existiu precariamente, atualmente continuam algumas pessoas sólidas, pessoas interessantes apresentando ideias, como na área de cinema, de teatro, de música. Atualmente, é mais uma coisa social, diminuiu o espaço do jornal e ficou mais para uma coluna social. A gente não tem um espaço de formação de crítico, não se consolidou na Bahia, tem pequenas iniciativas surgindo e é uma coisa que a gente sente uma falta imensa. E os espaços de jornais, a gente perdeu. Essa coisa da grande indústria é muito selvagem, ela chega comendo tudo. A grande indústria vai existir de qualquer forma, a gente não tem que ser contra a grande indústria, ela tem o seu papel, mas a Bahia entrou fortemente no apoio a essa indústria, então isso foi consumindo toda a inteligência da cultura, toda criatividade e a crítica foi junto também.

**13. Como surgiu a ideia de criar a Casa Via Magia? Quais contribuições para o cenário cultural baiano este espaço tem dado?**

A Via Magia é um grupo de teatro. Ela foi fundada em 1982 em São Paulo e logo depois se transferiu para Salvador, dois anos depois. A gente abriu um espaço que se chamava Espaço de Convivência Via Magia, um espaço de arte-educação, que transita em três vertentes: a vertente da cultura, a da educação e a do meio-ambiente. Em todos os aspectos, você está trabalhando com criatividade, seja no aspecto da criação artística, seja no aspecto do desenvolvimento cultural e da



criação de redes. Aqui vocês vão ver o caderno do *Fórum Cultural Mundial* e a nossa liderança junto a entidades, como: a Comissão Europeia, *Ford Foundation*, SESC São Paulo, SEBRAE Nacional, Prefeitura de São Paulo, entre outras. No momento das vacas magras, nós trouxemos o Movimento Cultural Mundial para Salvador, foi um momento muito difícil, porque nós tínhamos cinco grandes artistas da indústria vendendo mais de um milhão de discos: Asa de Águia, Ivete, Daniela, Netinho, vários artistas no final da década de 1990. Então, ninguém acreditava que podia se apresentar outro tipo de música. A parte da sistematização é uma coisa que desde o início, a gente batalhou muito na área da cultura. A gente fala assim: “um mercado de ideias”. Então, você vê que a gente convocou o mundo inteiro, nos deram esse direito de convocar o *Fórum Cultural Mundial*, porque tem uma inteligência nesse lugar. No seio da Bahia, um centro cultural pobrezinho lá no meio da Federação, meio hippie, com um bando de gente alternativa, pessoal de teatro, está convocando o *Fórum Cultural Mundial* e vieram todos. E o trabalho de desenvolvimento local, o trabalho de economia criativa aplicada a um território talvez seja a grande inovação que a gente tem no momento, porque o que vocês vão ver normalmente em termos de economia criativa hoje no Brasil é um segmento da indústria, um segmento a ser estudado: o artesanato ou a música do carnaval. Vocês não têm assim um território sendo revirado pela economia criativa, então, nós pegamos aqui um território de identidade que é o Médio Rio das Contas, especialmente a cidade de Boa Nova, com seu casario antigo. Ninguém valorizava... Um grande patrimônio: patrimônio ambiental, arquitetônico, tradição das feiras. A gente trabalha com o comércio, com a indústria, com os agricultores, com as tradições populares, com a produção e a inovação em nível têxtil, em nível industrial. Ibirapé é uma cidade que a gente mexeu muito isso, a gente abriu um museu, o museu está incrível. A gente está mexendo com economia criativa, criando o Festival de Reisados, entregando para comunidade, é um Festival no calendário da cidade e no calendário do Estado. Isso tudo é um programa do *Mercado Cultural*, é um programa de desenvolvimento de mercados, pegando o território e vendo tudo que pode ser beneficiado através das imagens, através dos textos, que a gente vai catalogando. Agora, a gente quer publicar um livro de cada cidade, contando sobre a economia. A grande contribuição que a gente dá para a Bahia é no campo da inovação, do pensamento e dessa articulação do nível local ao nível internacional. Nos últimos anos, a gente está com o diretor da maior rede mundial, o Fórum Europeu de Festivais, que realiza cento e tantos festivais na Europa, e a gente está criando uma rede de municípios pobres do interior da Bahia simultaneamente. Uma ponte na Europa e uma ponte na roça. Nós, durante anos, fomos a entidade que mais recebeu maior financiamento da Fundação Ford. Então, na lista de financiados da Ford está o Instituto Via Magia, Salvador, Bahia, Brasil. A grande contribuição que a gente traz é ser um lugar de arte e educação, um lugar transdisciplinar, que trabalha com a formação e a execução, pega todo o trabalho da linha produtiva e criação até a distribuição em rede. Essa inovação no campo da economia criativa é algo que não tem no mundo, a abordagem territorial, você pega um território que falta tudo, mas a oportunidade não falta. E veja o que nos deu prestígio lá fora foi isso, não foi fazer festival, nem inventar o *Mercado Cultural*, nem fundar a rede Ibero-americana. Tudo nos deu prestígio, mas era a capacidade de questionar e dizer isso

[www.producaoculturalba.net](http://www.producaoculturalba.net)

está errado, é outra coisa que a gente pensa. É o posicionamento político que leva você, o posicionamento sobre a ideia que você traz.

#### **14. A Casa Via Magia é um Ponto de Cultura, como você avalia esse programa do MinC?**

Eu acho que é um dos grandes programas que o Brasil inventou, com muitas falhas, principalmente falhas no sentido da ativação de rede, porque tem uma dependência grande do Estado. Eu acho que faltou entregar as ideias dos Pontões em manejar os Pontos de Cultura e também a desvinculação dos recursos e dos programas da institucionalização. Eu já vi muitas redes caírem, porque ficava muito vinculada aos subsídios. A rede é outra coisa, são os membros que vão sustentar. Faltou na área da sustentabilidade e ação, na área de ativação. Uma coisa de movimentar as redes o tempo todo, de descobrir o núcleo que pudesse estar retroalimentando informações na internet. Mas, por outro lado, foi uma iniciativa. O conceito do Cultura Viva é maravilhoso e foi uma iniciativa que nos fez descobrir muitos atores no Brasil inteiro, muitas pessoas, muitas inteligências, muitos fazedores, muita gente interessante. Eu acho uma iniciativa muito louvável. Por exemplo, eu não vejo os pontos se convocando, os pontos criando um movimento cultural entre eles, os pontos da região metropolitana, são pontos convocados sempre pelo governo. Essas redes que a gente maneja, Rede Latino-americana e Rede Europeia são redes independentes, elas têm recursos para programas, mas elas não vinculam isso às garantias da rede, então você vê que ela dura muito tempo e se renova sistematicamente. Como rede os pontos deixam a desejar, mas como iniciativa de revelar o Brasil, de buscar tantas inteligências escondidas nos grotões, de diversificar a ação da política pública, eu acho que tem um grande mérito.

#### **15. A Via Magia é responsável pelo projeto *Mercado Cultural*. De que forma a lógica de redes contribui com o sucesso desse projeto?**

Hoje, o trabalho presencial das redes é tão essencial quanto o trabalho virtual. Há um trabalho presencial de estabelecimento de confiança. Por exemplo: você não consegue trazer atrações internacionais sem ter uma relação de confiança com o governo da Coreia, parceiros como a Arfa, da França, com fundações, com os próprios artistas. Na verdade, a gente faz uma grande economia, porque você consegue trazer artistas de regiões que provavelmente, o recurso que a gente tem iria todo, mas como eles conseguem muitos recursos, muita divulgação, então, você pode economizar muito o dinheiro da mídia, não precisa fazer divulgação, porque a divulgação é feita em rede e você tem ali um selo de confiança. Hoje em dia, a pessoa que chega à Europa e apresenta seu trabalho ouve: “Ah! Você se apresentou no Mercado”. Ela é contratada, porque é muito rigorosa a seleção do Mercado em termos de qualidade. Nós já recebemos *lobbies* de artistas da indústria brasileira. Só entra por uma curadoria, só entra grupo com grande qualidade artística. Todo esse trabalho é feito em rede, de apresentações dos grupos, a relação de parceria com festivais, a cooperação com festivais. Por que a gente ocupou a diretoria do Fórum Europeu? Por nossa prática! Perceberam nossa prática junto à comunidade, a valorização de grupos tradicionais, a diversidade. Com esse espaço, a gente consegue sempre trazer os grupos com [www.producaoculturalba.net](http://www.producaoculturalba.net)

algum tipo de financiamento, esse já é um segredo que não é nosso, que a gente pode compartilhar com as pessoas, pode dar a lista das instituições financiadoras dos Estados Unidos, da Europa. No campo das redes, o trabalho do conhecimento é a grande base.

**16. O Mercado Cultural mudou seu perfil nos últimos anos. Quais as principais mudanças que ocorreram e por quê?**

Na verdade é muito simples entender. Aprofundou a parte do conhecimento e da articulação e do intercâmbio e abriu mão de ser uma feira. A gente tinha uma grande feira ao vivo e outra grande feira virtual e surgiram dezenas ocupando esse papel. A partir do Mercado, surgiu um calendário de feira imenso, a gente já não mais acredita que há a necessidade de a gente cobrir. Mas ao mesmo tempo, no campo das ideias, a gente acha que tem uma deficiência muito grande, porque produtor não quer pensar muito, quer fazer, realizar, não quer pensar. Então, a gente acredita que é importante aprofundar nessa área. Por exemplo, a gente lançar um programa de Mercados Culturais, ou lançar um sistema de economia criativa aplicada a território em linha, pegando algo como o Caminho Real de Minas Gerais, ou outro tipo de turismo com base em acolhida comunitária, gerando renda para famílias dentro de casa, é uma coisa inovadora que a gente está fazendo. A mudança foi essa: a gente aprofundou o campo do pensamento, de publicação das ideias, de elaboração de textos, e de apoiar as pessoas no desenvolvimento criativo e abriu mão de fazer a grande feira que nos sobrecarregava demais. Ao mesmo tempo, a nossa feira está na internet, nós temos um catálogo e temos mais de 500 artistas, que se apresentaram aqui nesses 12 anos, que é consultado com muita frequência. Na época do Mercado, é consultado 4.000 vezes por dia e 80% dos visitantes são estrangeiros. Cada artista que entra, renova o catálogo, as pessoas podem entrar, tem os contatos de todo mundo lá e podem ver que o selo do Mercado garante qualidade.

**17. Como são utilizadas as novas mídias, como as Redes Sociais, na divulgação dos projetos da Casa Via Magia?**

Tem facilitado. Às vezes gera muita demanda. Agora tem o Festival de Reisados, a gente percebeu que as famílias não estavam preparadas para receber uma demanda muito grande de turistas, então, a gente não mexeu com as redes sociais, porque triplica. A gente não está só no plano estadual, a gente coloca tudo em duas línguas em nossos dez mil endereços, a gente cai na Rede Cultural do Mercosul que tem mais cinco mil, divulga e chega na África, divulga e chega na Europa. Quando você vê, a demanda é muito grande, começa estagiário, produtor cultural querendo vir, pedindo hospedagem e tem uma hora que a gente segura um pouco. Em um evento como o Mercado, a gente usa bastante as redes sociais, porque é um evento muito aberto. Mas tem outros eventos de pensamento, a caravana cultural, eventos menores que a gente evita. Se eu boto na mídia social, as ações que estou fazendo a gente vai atrair uma demanda que a gente não pode cobrir. A gente usa as redes sociais, mas para os eventos maiores. Para o *Fórum Cultural Mundial* foram cento e quarenta mil pessoas, convocadas pelas redes sociais.

## **18. O que ainda pode se esperar de novo na área cultural da Bahia?**

Eu espero que a gente consiga fazer uma revolução pela cultura, porque só se faz uma revolução pela cultura. E acho que a gente deve de fato valorizar nossas riquezas culturais. É uma coisa para turistas chegarem a Salvador e ter roteiros pelo Recôncavo. A Bahia é linda para se andar de barco, para visitar suas diversas ilhas e a cultura do lugar. Não há nada no lugar, não tem um monumento, não tem um espetáculo, um show de dança, a gastronomia não está organizada. Você não tem um programa. Eu tenho um diagnóstico do *Arte e Internet*, dos Estados Unidos, dizendo que se nós valorizarmos a cultura do Recôncavo, da cultura negra baiana, com um programa anual, evidenciando essas manifestações, com produtos e serviços, nós íamos ter o maior foco de atração do turismo negro norte-americano. A Bahia ganha a tradição desse turismo de altíssimo nível econômico, mas a gente não tem o que oferecer. Não tem nada catalogado, não tem nada organizado. Então, eu espero uma revolução pela cultura, a gente tem o que apresentar. Agora, precisa ter uma convocatória, eu acho que o governo do Estado, se juntar todas as secretarias, seria um grande evento, porque o governo é o patrocinador maior que a gente tem. Também, a gente tem essa dicotomia entre prefeitura e governo Estadual que ainda é pernicioso, uma união seria muito importante. Então não sei que prazo, mas sei que a Bahia tem, mais do que qualquer estado brasileiro, a capacidade de apresentar uma explosão de produção cultural com algum investimento, mas acho que isso ainda está acontecendo de forma isolada. A cultura é o ativo mais precioso que a Bahia tem, porque no campo da educação, no campo da saúde, nós estamos pobres. A Bahia e o Brasil, no campo da cultura, nós estamos em primeiro mundo. Você já vai competir de igual para igual com qualquer país no campo da cultura, mas a gente trata como um mendigo, pedinte que eu tenho que fechar a porta.

**\*Entrevista realizada por Ítalo Cerqueira e Daniele Marques, no dia 19 de março de 2013, na Casa Via Magia, em Salvador.**